

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço de lançamento do Projeto Caju

Brasília-DF, Sede da CNI, 27 de agosto de 2007

Eu quero saber, Armando, se um dia nós vamos conseguir fazer um almoço ou um jantar sem precisar ter discurso. Mas, de qualquer forma, sem fazer discurso, eu queria dizer para você, sem contar as vezes que já vim à sede da CNI, mas as que virei daqui para a frente. Eu acho que estamos vivendo um momento no Brasil em que a gente pode consagrar uma relação política entre os governantes brasileiros e os empresários, fora de época de eleição, em que a gente pode consagrar uma relação entre empresários e governo para discutir o destino do País, e não para discutir apenas os interesses de sobrevivência setorial em época de crise.

Isso vem provar que nenhum de nós, individualmente, é dono da verdade, ou seja, na medida em que a gente se senta a uma mesa, e as nossas reuniões com a CNI têm demonstrado isso, nós temos encontrado muito mais soluções do que as pessoas imaginavam que nós pudéssemos encontrar. Então, Armando, esteja certo de que não apenas eu, mas o meu governo não se negará a participar, seja de almoço, de jantar ou de debates, como o que fizemos na última semana na ABDIB, onde 14 ministros do meu governo vieram debater, e eu penso que há muito tempo não se via uma reunião produtiva como essa que nós fizemos com a ABDIB.

Eu queria cumprimentar o senhor Jaime Tomaz de Aquino, diretor-presidente da Cione, em nome de quem eu cumprimento os meus ministros, cumprimento o Armando, cumprimento o Roberto Proença de Macedo, cumprimento os empresários que estão aqui e os deputados.

E por que na pessoa do seu Jaime eu quero cumprimentar todo mundo? É porque é um dia *sui generis*, um dia, eu diria, especial para o caju. É de se perguntar por que uma fruta que contém todos os nutrientes que foram mostrados aí, pelo documentário do Sesi, ainda não foi aproveitada pela sociedade brasileira para se transformar em alimento. Veja que engraçado, Armando, lá em Caetés, eu tinha 6, 7 anos de idade, tinha caju eu não me

lembro do hábito de comer caju. Eu me lembro que meus irmãos saíam de manhã com uma espigadinha de espoleta para matar um preazinho para a gente comer, quando encontravam, porque em época de desgraça rareiam até os preazinhos. Hoje, não seria ambientalmente correto você fazer isso, mas naquele tempo era a lei da sobrevivência. A gente não tinha o hábito de comer caju como alimento, como muitas vezes as pessoas não têm o hábito de tomar suco de caju, porque eu penso que nós não fomos felizes, ao longo do século XX, em divulgar e convencer as pessoas de que isso era importante. As nossas crianças estão acostumadas a tomar qualquer refrigerante, com marca estrangeira, a gente nem sabe qual é a composição química dele, e não conhece a cajuína ou o suco de caju. Em algum momento da história, algum de nós cometeu um erro contra o caju, e o seu Jaime, como disse o Meneguelli, peregrinando sozinho pelo Brasil conseguiu, em algum momento, motivar a Embrapa, a Universidade Federal do Ceará e o Sesi. Pois bem, isso permitiu que nós pudéssemos estar aqui, neste almoço, com a imprensa presente. Depois é importante, Armando, pedir para alguém servir a imprensa, para eles comerem e saírem falando bem do caju. Dê tudo o que eles têm direito, até mais do que para nós, para que eles possam falar bem do caju.

Mas eu queria, Meneguelli, dizer para você e para o seu Jaime, que é preciso continuar perseverando, é preciso continuar tentando viajar o Brasil, e divulgar não apenas nas regiões que produzem o caju, mas em regiões que tem crianças consumindo poucas calorias por dia. Nós temos ainda muita coisa a fazer no País. Já avançamos, mas temos muita coisa para fazer.

O que eu queria te pedir, Meneguelli, é que este almoço aqui fosse o início de uma peregrinação do projeto Cozinha Brasil. Que fôssemos nas escolas saber como é que as crianças vão gostar do caju, que oferecêssemos todas as oportunidades, que discutíssemos no Ministério da Educação para ver em que medida isso pode ir entrando na merenda escolar. E que pudéssemos tornar hábito também nas festas de que participamos, não só no Ceará, no Maranhão ou no Piauí, para de vez em quando ter alguma coisa de caju para a gente comer. Os adultos também sabem comer caju sem transformá-lo em nada, ou seja, um cajuzinho puro é muito bom no domingo à tarde ou próximo do almoço. Mas eu acho que o Brasil não tem o direito, nós não temos o direito de prescindir de uma riqueza como essa que foi apresentada aqui.

Eu estou convencido de que tudo aquilo que nós deixamos de fazer no século XX, nós temos que fazer no século XXI. Eu quero me comprometer, companheiro Meneguelli, seu Jaime, Armando, meu caro Roberto Proença, podem contar comigo – os deputados poderiam convidar parceiros deputados para almoçar na sua casa e levar caju na entrada, na saída e de sobremesa – para ajudar na propagação desse novo alimento que nós estamos conseguindo produzir e vender para as nossas crianças.

Eu sei que vai aparecer alguém, Meneguelli, que vai dizer: “não, mas é preciso respeitar os hábitos alimentares das nossas crianças.” Sempre tem essas discussões, que são importantes, mas é importante que a gente também discuta os hábitos alimentares para quem come todo dia, ou seja, quem está com fome é preciso, primeiro, adquirir o hábito alimentar. E pode começar comendo um hambúrguer de caju, pode começar com uma pizza de caju, pode começar com uma carne de caju.

Então eu vim aqui, Meneguelli, para dizer para você que conte comigo, não enquanto presidente da República, mas enquanto garoto-propaganda de mais essa idéia. Eu acho que é plenamente possível que os meios de comunicação dêem destaque para isso, que tenha programas especiais para isso, que se discuta com os nossos nutricionistas. Vamos fazer do caju um debate nacional, porque não é possível que de uma fruta tão grande a gente aproveite apenas a castanha, que é a menor parte, para exportar. E a gente vê, em cidades onde as pessoas estão com fome, a polpa de caju apodrecendo no chão, sem que se coma. Eu acho que em algum momento alguém cometeu um erro e nós, a partir do esforço do seu Jaime, estamos aqui dizendo que não dá mais para continuar no erro. É preciso que a gente recupere o tempo perdido porque isso vem, inclusive, seu Jaime, contribuir para uma discussão nova que estamos tendo agora, quando entramos na era do biodiesel, e as pessoas começam a discutir se vai faltar alimento ou não. É possível a gente provar que nós temos uma quantidade tão grande de alimentos no Brasil, não ainda utilizados em políticas alimentícias de massa, e a quantidade de frutas que nós temos para explorar é de uma imensidão tão extraordinária que eu acho que o caju é um bom começo.

Por isso, Armando, meus parabéns, Meneguelli, meus parabéns. E naquilo que a gente puder ajudar para que o caju seja introduzido como

alimento nos programas de governo que cuidam da alimentação, tenham a nós como parceiros nisso.

Muito obrigado e bom almoço para todos.